

Elogios a  
Karen Bosnak em *Qual seu número?*

Bosnak escreve com uma voz original e cheia de charme... Ela pega algo que poderia ter sido uma conversa de cinco minutos em uma cafeteria e transforma em uma história muito bem executada

— *Chicago Sun-Times*.

É uma leitura tão irresistível quanto um pote de sorvete e tão deliciosa quanto. Fãs de literatura feminina vão reconhecer facilmente a mãe autoritária, o bicho de estimação cheio de manias estranhas, as ideias errôneas sobre amor e relacionamentos e os encontros cômicos com ex-namorados, que sempre acabam em desastres. O ritmo animado e a história, que não é nem um pouco convencional, não deixarão que você largue o livro.

— *Booklist*.

Bosnak escreve com um olho clínico para a comédia. Absolutamente hilariante... merece um lugar em todas as prateleiras.

— *Library Journal*.

Uma mensagem positiva sobre assumir riscos e assumir os próprios erros. Literatura feminina divertida e com conteúdo.

— *Kirkus Reviews*

Bosnak guia suas leitoras em uma viagem em que reencontra amores passados com uma boa dose de amor e emoção, e demonstra seu talento para criar um personagem fictício tão carismático quanto o de seu outro livro, *Save Karyn*. Uma ótima leitura para a praia.

— *BookPage*.

Literatura feminina, com orgulho!

— *Nottingham Evening Post*.

Audacioso e divertido. Quem não gosta de dar umas boas risadas?

— *Ok! Magazine*

Hilário!



Cortesia da autora

## *Sobre a Autora*

Karyn Bosnak cresceu na região metropolitana de Chicago, estudou na Universidade de Illinois e no Columbia College. Hoje em dia ela mora em Nova York, onde desenvolveu sua carreira trabalhando como produtora de televisão para uma grande variedade de programas exibidos em rede nacional. Seu primeiro livro, *Save Karyn*, foi traduzido para vários idiomas, e serve como inspiração para pessoas compulsivas por fazer compras e pessoas com dívidas no cartão de crédito por todo o planeta. Se você quiser saber mais sobre ela, visite-a no website [www.karynbosnak.com](http://www.karynbosnak.com)

Qual o seu número?

Qual o seu número?

UM ROMANCE DE:

Karyn Bosnak

Tradução:  
Nonon Ononono Nono



## *Dedicatória*

Para todas as pessoas que já tiveram que repensar ou criticar uma decisão tomada anteriormente.  
Nosso passado nos transforma em quem somos hoje.  
Não se arrependa.

## Agradecimentos

À minha família — meu pai, minha mãe, Mick, Todd e, é claro, minha irmã mais velha, Lisa — obrigada por estarem sempre ao meu lado. Para os meus três melhores amigos — Tracy, Naomi e Mark — obrigada por sempre me apoiarem (literalmente, como Mark e David sabem). Outros agradecimentos vão para Cristin Moran, Corey D. Wells, Dan Wells, Rod Pineda, Amy Shapiro, Sam Jacobs, Scott Woldman, Julie Wulf, e, é claro, Chrissy Blumenthal, por ser uma mentora fabulosa.

Gostaria de agradecer também às gloriosas Alison Callahan, Jeanette Perez, e todos na HarperCollins, assim como as magníficas Linda Evans, Kate Marshall, e todo mundo na Transworld. Para todas as pessoas da RLR, especialmente minha agente Jennifer Unter, obrigada por suas ideias, *insights*, e amizade. Agradeço também a Jordan Bayer e todos na Original Artists, por sempre confiarem em mim.

Uma nota interessante para terminar: enquanto eu escrevia este livro, a minha irmã, minha editora e minha agente ganharam lindos bebês. Sexo, sexo, sexo — pode ser algo que faça o sangue ferver e o cabelo arrepiar-se, ou algo inosso e sem vida. Mas quando é feito com a pessoa certa, no momento certo, pode resultar no melhor presente do mundo!

Qual o seu número?

# prólogo

## *parem com essa insanidade*

Neste momento, estou me sentindo como se estivesse em uma reunião de doze etapas, como se eu tivesse me levantado assim que você abriu este livro. Você está olhando para mim, esperando que me apresente, esperando que lhe diga por que estou aqui. E estou suando frio, suando porque estou nervosa, suando porque este não é o meu lugar, suando porque nunca, em um milhão de anos, imaginei que acabaria deste jeito. Mas como tudo já aconteceu e você está aqui, acho que posso tentar me explicar. Aqui vai, então.

Meu nome é Delilah Darling. Tenho 29 anos. Sou solteira, e, bem... sou uma mulher fácil.

Pronto, falei. Sou fácil. Sou mesmo. Agora você sabe.

Eu sempre suspeitei de que eu fosse fácil, mas nunca tive certeza, pelo menos até uns seis meses atrás, quando terminei meu namoro com um cara chamado Greg. Um cara que eu gosto de chamar de Greg, o Imbecil do East Village. Embora a decisão de terminar com o relacionamento tenha sido minha, eu senti raiva com a separação. Raiva por dois motivos.

Primeiro, eu perdi quatro meses da minha vida com ele, um cara que nem mesmo tinha um emprego de verdade. Eu o conheci enquanto estava fazendo compras no Soho<sup>1</sup> certo dia. Ele veio até mim, lindo e charmoso, e disse:

<sup>1</sup> East Village e Soho são bairros na ilha de Manhattan, um dos cinco distritos que compõem a cidade de Nova York. (N.T.)



— Com licença, posso perguntar uma coisa a respeito do seu cabelo?

Sim, ele era um daqueles caras — um homem jovem, bonito e atraente contratado por um dos salões de beleza da área para me adular, de modo que eu ficasse mais propensa a comprar alguns cupons. Desnecessário dizer que eu caí feito uma boba na conversa dele, e que também me apaixonei por ele.

Mas deixe isso pra lá. Esqueça que ele tinha o rosto de um Baldwin (Alec ou Billy quando eram mais novos, não aqueles dois outros palhaços).

Qual era o destino dele na vida? Nenhum, com toda a certeza. Talvez eu tivesse deixado passar aquele pequeno defeito se ele tivesse uma personalidade, mas não tinha. Conversar com ele sobre qualquer coisa que não fosse cabelo era como conversar com uma caixa cheia de cabelos. Ele era um chato, embrulhado em um belo pacote. Uma contradição em si mesmo.

O segundo motivo que me causou raiva na separação foi que, mesmo sabendo que o nosso relacionamento não estava indo a lugar algum, eu dormia com ele. Normalmente isso não seria um problema, mas, ironicamente, acabou se transformando em um grande problema. Para ser honesta, eu estava começando a ficar preocupada com o meu “número”. Estava aumentando cada vez mais, e dormir com Greg não fazia nada além de aumentar ainda mais o número. E, quando falo do meu “número”, é claro que estou falando do número de homens com quem dormi.

Você pergunta: Qual número, exatamente, é considerado alto para uma mulher da minha idade? Bem, é difícil dizer, porque as pessoas raramente são sinceras a respeito dos seus números. E isso não é nenhum segredo. Os homens geralmente o aumentam, acreditando que, se as pessoas pensarem que eles dormiram com 40 mulheres, mesmo que só tenham dormido com quatro, vai parecer que eles são garanhões mais bem-sucedidos do que realmente são. As mulheres, por outro lado, geralmente diminuem o número, deixando de fora os homens que elas gostariam de esquecer. Você sabe: os que elas conheceram em um fim de semana de folga, os dois que eram irmãos e os três que hoje em dia são *gays*.

Eu admito: sou tão culpada quanto qualquer pessoa quando o assunto é manipular o número. Inclusive, meu número muda, dependendo da pessoa com quem estou conversando. Por exemplo, todos os meus namorados pensam que meu número está em torno de uns quatro (e eles também acham que são os únicos daqueles quatro que me fizeram chegar ao orgasmo, mas isso não vem ao caso). Meu ginecologista acha que o meu número está por volta dos sete, e que eu sempre fiz sexo seguro, é claro (ah, quem estou tentando enganar? Todo mundo já deu uma escorregada alguma vez, e você sabe do que eu estou falando). Minha mãe, mesmo que eu prefira não falar sobre sexo com ela, acha que meu número é algo em torno de dois (eu precisava de alguém que pagasse pelos meus anticoncepcionais quando estava na faculdade). Até mesmo minha melhor amiga acha que meu número é um pouco mais baixo do que é na realidade, porque ninguém — repito, ninguém — conta todos os detalhes da sua vida para a melhor amiga.

Todos esses números são a razão principal pela qual eu fiquei tão preocupada com o meu próprio número. Parece alto, é claro, mas com todas as mentiras que existem por aí, quem poderia saber com certeza?

O New York Post, é claro.

No dia em que Greg e eu terminamos o namoro, meu jornal favorito publicou os resultados da maior pesquisa sobre sexo do mundo. Eu havia acabado de ler um artigo muito interessante (duas colunas de fofoca na página seis) e estava me preparando para descobrir como conseguir aproveitar o meu cartão do metrô ao máximo (como encontrar o amor na Linha F), quando dei de cara com aquela informação incriminadora. Estava bem ali, entre a média de idade das pessoas quando têm sua primeira relação sexual (17,7) e o tempo médio gasto nas preliminares (19 minutos).

*“Uma pessoa tem, em média, 10,5 parceiros sexuais durante a vida.”*

Sim, 10,5. Eu quase tive um ataque cardíaco quando li aquilo, pois a verdade é que... bem... Greg, o Imbecil do East Village, foi o

19º homem com quem eu dormi. Sim, 19, e houve outros 18 antes dele. Meu número era quase o dobro da média nacional.

Percebendo rapidamente que precisava assumir o controle do meu número antes que ele se afastasse ainda mais de 10,5, aceitei o conselho da minha estrela favorita dos infomerciais, Susan Powter, e decidi parar com essa insanidade. Você pergunta: Como? Bem, é simples. Decidi parar de fazer sexo. Não para sempre, não me entenda mal. Simplesmente decidi estabelecer um limite no meu número; um teto, se você preferir outro termo. Percebi que, se eu continuasse fazendo as coisas do jeito habitual, se continuasse fazendo sexo no mesmo ritmo que vinha fazendo, então meu número chegaria a 78 quando eu estivesse com 60 anos. Pois é... que horror!

Considerando que a situação atual era muito grave, decidi estabelecer meu limite em vinte. Sim, vinte. Eu estava me dando mais uma chance de consertar as coisas. Se eu desperdiçasse essa última chance, dormindo com algum Tom, Dick ou Harry qualquer, então eu me forçaria a viver uma vida de castidade e celibato.

Talvez seja loucura estabelecer um limite, mas chega um momento na vida onde uma gota d'água vai fazer o copo transbordar. Eu havia chegado àquele ponto. Era o bastante. Vinte, o limite; era assim que as coisas seriam...

Vinte.

Não mais.

Nunca mais.

um

\*Bip\*

"Del, é a sua mãe. Escute, eu espero que você não tenha ficado irritada por Daisy ter ficado noiva antes de você. Verde não é uma cor que cai bem em você... faz você parecer ainda mais apagada e desbotada do que já é. Mal posso esperar para vê-la hoje à noite na festa. Até lá!"

\*Bip\*

"Oi, é a sua mãe de novo. Eu queria lhe dizer que Patsy esteve em Manhattan recentemente e ela acha que viu você comprando uma dúzia de bolinhos na confeitaria Magnólia. Ela disse que acenou para você, mas que você não acenou de volta. Provavelmente você não a viu. Mesmo assim, ela disse que é normal que as pessoas comam demais quando estão deprimidas, e achou que você estava um pouco cabisbaixa. Como eu disse, espero que o noivado de Daisy não tenha lhe irritado. Tchau, até a noite."



## *uma lista, por delilah darling*

*sexta-feira, 1º de abril*

Uma lista. Tony Robbins está me dizendo que eu preciso fazer uma lista. Uma lista das coisas que estão erradas em mim. Dificuldades, problemas que precisam ser resolvidos. Sabe, eu não vou a um terapeuta, então eu procuro confiar bastante em livros de autoajuda (geralmente em versão audiolivro, que eu ouço usando meu iPod) para lidar com meus problemas. Eu não faria uma lista se qualquer outro guru me pedisse, mas Tony é o meu favorito — não somente porque ele usa expressões sensuais como “o caminho para o poder” e a “rota da excelência” mas também porque ele é um homem imenso, e tem dentes muito brancos. De acordo com ele, se um homem com mãos artificiais é capaz de tocar piano (e, aparentemente, ele é capaz de fazer isso), então uma mulher perfeitamente saudável como eu pode superar alguns problemas. Mas, antes de mais nada, eu preciso fazer uma lista.

Como estou no escritório, provavelmente eu não deveria estar fazendo algo assim, mas estamos já no fim de uma tarde de sexta-feira e eu tenho uma reunião que vai começar daqui a vinte minutos, então não adianta começar um novo projeto. O que adianta, entretanto, é começar um novo projeto pessoal. Assim, eu pego um pedaço de papel e começo a escrever. Não tenho muito tempo, mas acho que consigo terminar minha lista antes que a reunião comece. Só preciso me concentrar.

### *Coisas que Estão Erradas com a Minha Vida*

(lista elaborada por Delilah Darling)

1. Não consigo me concentrar no que me proponho a fazer.
2. ~~Meu chefe Roger é um porco gordo e mentiroso, que está me impedindo de evoluir profissionalmente.~~ Acho que julgo demais as pessoas.

3. Tenho inveja da minha irmã mais nova, Daisy. (isso não é realmente verdade, mas minha mãe acha que eu tenho. Então, seria bom ver se isso tem algum fundo de verdade).
4. Estou começando a ficar cada vez mais parecida com Sally Struthers<sup>1</sup>

Pronto, terminei. Para ser honesta, geralmente é nesse ponto que eu paro. Embora eu diga que “confio bastante” em livros de autoajuda, eu simplesmente leio ou escuto qualquer coisa que o guru tenha a dizer e acabo concordando. Algo como: “Sim, eu sou exatamente assim. Eu não tenho solução!” Eu não chego a tomar as atitudes necessárias para consertar qualquer problema que esteja enfrentando; é nesse ponto que eu geralmente perco o interesse. É parte do primeiro item na minha lista: não consigo me concentrar naquilo que me proponho a fazer. Mas hoje é o dia em que vou fazer isso mudar. Hoje é o dia em que vou explorar todos esses problemas um pouco mais a fundo.

Certo, primeiro item da lista... dificuldade de concentração. Acho que a razão pela qual eu não consigo me concentrar em algo é porque eu tenho um leve problema de TDAH<sup>2</sup>, e isso nunca foi diagnosticado por algum médico. Não sei se a TDAH não existia quando eu era pequena ou se o meu médico era um panaca. Mesmo assim, seja qual for a razão, tenho quase certeza de que sofro disso. Por exemplo, eu consigo, ao mesmo tempo, jogar um jogo no computador, ler a *Glamour*<sup>3</sup>, conversar pelo MSN com várias pessoas, pintar minhas unhas, falar ao telefone, e trabalhar melhor do que qualquer outra pessoa que eu conheço. É o que eu costumo chamar de “modo multitarefa”. Também tenho dificuldades de terminar as coisas que começo, como projetos, por exemplo. Considerando que o cargo que eu tenho na empresa é o de “gerente de projetos”, isso pode acabar se tornando um problema.

1 Atriz norte-americana. Um de seus papéis mais conhecidos é o de Babette, no seriado *Gilmore Girls*.(N.T.)

2 Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. (N.T.)

3 Revista feminina de grande circulação nos Estados Unidos. A primeira edição foi publicada em 1939, com uma circulação mensal de cerca de 2,3 milhões de exemplares. (N.T.)

Eu trabalho em uma empresa chamada Elisabeth Sterling Design (ou ESD), que cria e fabrica uma famosa linha de produtos domésticos. Elisabeth Sterling, uma mulher de origem humilde, montou sua empresa (que hoje está com o capital aberto e tudo mais) há pouco mais de quinze anos em uma pequena kitchenette no Harlem<sup>4</sup>. Ela é uma artista que pintava formas geométricas modernas em pratos que depois eram vendidos nas boutiques do bairro. Os pratos acabaram ficando muito famosos na cidade de Nova York, a tal ponto que ela não conseguiu mais dar conta da demanda. Sagaz como uma empresária deve ser, em vez de simplesmente contratar uma assistente para ajudar a atender os pedidos, ela contratou um publicitário para ajudar a aumentar o interesse pelas peças; posteriormente, entrou em contato com uma fábrica e com um distribuidor para produzir os pratos em quantidade industrial. Pouco tempo depois, nascia a Elisabeth Sterling Design.

Para encurtar uma história longa, a linha que começou como uma coleção de pratos inclui atualmente praticamente todos os utensílios domésticos que você pode imaginar — objetos para limpeza, decoração e jardinagem — vendidos exclusivamente nos supermercados Target por todo o país. Quatro anos atrás, num episódio que foi um dos maiores IPOs<sup>5</sup> da história, Elisabeth abriu o capital da empresa e se tornou bilionária. Elisabeth Sterling, hoje em dia, é uma celebridade. Elisabeth Sterling é um ícone.

Mas vamos voltar ao assunto: minha dificuldade em conseguir me concentrar.

Além da minha multitarefa e de não conseguir concluir meus projetos, eu tenho a tendência de sair pela tangente e de tagarelar a respeito de coisas que não conheço a fundo. (Às vezes uso parênteses, para falar também). E, de vez em quando, notas de rodapé<sup>6</sup>.

Bem, agora que já explorei o primeiro tópico, é hora de dar uma olhada no segundo. Sim, eu tenho a sensação de que não estou

---

4 O Harlem fica em Manhattan, um dos cinco grandes distritos da cidade de Nova York. (N.E.)

5 Do inglês *Initial Public Offering*. É o evento que marca o início das vendas das ações de uma determinada empresa na bolsa de valores. (N.T.)

6 Eu gostaria de saber se as pessoas com TDAH têm direito a algum tipo de compensação trabalhista. Se for o caso, então eu preciso conseguir um médico que me diagnostique definitivamente para que eu possa desfrutar dos benefícios. (N.A.)

conseguindo evoluir profissionalmente, mas, depois de reler o que escrevi sobre meu chefe ser um porco gordo e mentiroso, eu acho que o melhor a fazer é encarar o fato de que eu tenho a tendência de julgar demais as pessoas. Eu sei que é errado julgar os outros, mas em relação a pessoas como Roger, eu sinto como se essa atitude fosse justificada, pois ele é um palhaço nojento que tentou roubar uma das minhas ideias. Cerca de seis meses atrás eu precisava criar um nome inédito para a cor de um par de luvas de forno verde-claras que a minha equipe havia acabado de desenvolver (já que, para Elisabeth, nada pode ser tão simples como laranja. Tem que ser algo como abóbora, caqui ou lua-de-outono). Eu estava olhando pela janela em direção à Estátua da Liberdade, e, de repente, a ideia surgiu na minha cabeça. “Cobre oxidado”, eu disse em voz alta. Embora o termo “cobre oxidado” possa inicialmente dar a impressão de que algo tem cor de ferrugem, o cobre fica verde sob o efeito da oxidação, como a Estátua da Liberdade demonstra de forma magnífica. “Cobre oxidado”. É um nome inteligente e elegante para uma cor, e eu sabia que Elisabeth iria adorar a escolha, porque ela também é inteligente e elegante.

Como Roger é meu superior imediato, eu apresento meus trabalhos a ele, e, por sua vez, ele os apresenta para Elisabeth. Quando ele contou a ela sobre o nome da cor para as luvas de forno, ela gostou tanto que, de algum modo, Roger acabou levando o crédito pela ideia. Quando eu descobri e o confrontei, ele começou a se justificar de forma patética, dizendo “Ela não me deu uma oportunidade de explicar, e agora é tarde demais...” e “blá blá blá.” Para a minha sorte, Michelle, a minha melhor amiga ( que trabalha no mesmo departamento que eu) é um osso duro de roer, nasceu no distrito do Queens, e não deixou Roger sair impune com aquilo. Para me ajudar a receber o crédito que eu merecia, ela e seu cabelo vermelho cacheado marcharam até o escritório de Roger e exigiram que ele confessasse o ocorrido para Elisabeth. Michelle disse que tinha provas de que fui eu que havia criado o nome para a cor, e não ele.

— Que tipo de prova? — perguntou ele, nervoso.

— Se você quer mesmo saber, eu estava testando o gravador de *voice notes* em uma nova agenda interativa que eu e minha equipe



estamos projetando, e eu estava gravando no escritório de Delilah quando ela teve a ideia pela primeira vez.

Sim, era uma mentira descarada, mas Roger é um bobalhão crédulo. Assim, ele confessou tudo para Elisabeth no dia seguinte. Embora tenha ficado irritada com aquilo, ela não o demitiu, dizendo que acreditava que as pessoas sempre mereciam uma segunda chance.

De qualquer maneira, é por isso que eu acho que não há problema em dizer que Roger é um porco gordo e mentiroso. É por isso que eu acho que não seria uma atitude ruim fazer piada com a peruca que ele usa ou com o gosto horrível para moda que ele tem<sup>7</sup>. É por isso que eu acho que não há nada de mal em mandar algumas mensagens subliminares cruéis para ele<sup>8</sup>. Roger está tentando impedir a minha evolução profissional. Eu quero ser uma *designer*, e não apenas uma gerente de projetos; foi pra isso que eu estudei e me qualifiquei. Um gerente de projetos é apenas um intermediário. Tudo o que eu faço, o dia todo, é mexer com papéis. Não é o bastante para conseguir utilizar todo o potencial da minha energia criativa.

Sabe, quanto mais eu penso nesse caso, mais eu acho que julgar as pessoas não é um problema tão grande assim. É claro que, além de Roger, eu julgo outras pessoas também, mas não faço isso com tanta frequência. E, quando faço, isso acontece apenas na minha cabeça. A quem isso pode ofender? Ninguém. Na verdade, eu imagino que possa até mesmo estar ajudando as pessoas, porque, toda vez que eu digo ou penso em algo que seja realmente cruel, eu faço uma doação em dinheiro para uma instituição de caridade para contrabalançar qualquer carma ruim que aquilo possa trazer. Se eu parasse de julgar as pessoas, o fornecimento de comida para os países do terceiro mundo poderia sofrer um impacto negativo. Olhando desta forma, eu acho que entendo qual é o verdadeiro problema:

---

7 Roger gosta de se vestir a caráter para alguns feriados, e ele tem um gosto péssimo para a escolha de acessórios. Alguns dos piores que eu já o vi usando foram uma gravata com o Papai Noel e uma tiara com chifres de renas (para o Natal), um broche com luzinhas piscantes em forma de trevo de quatro folhas (para o dia de St. Patrick), uma tiara com orelhinhas de coelho da Páscoa, uma dentadura de vampiro para o Halloween, suspensórios com a bandeira dos Estados Unidos para a comemoração do dia da Independência e, sim, até mesmo um chapéu do tempo dos colonizadores da América para a celebração do Dia de Ação de Graças.(N.A.)

8 Eu frequentemente olho fixamente por cima das marcas que os óculos dele lhe fizeram sobre as orelhas, enquanto, silenciosamente, formo a palavra “inútil” com meus lábios. (N.A.)

## *Coisas que Estão Erradas com a Minha Vida*

(lista elaborada por Delilah Darling)

1. Não consigo me concentrar no que me proponho a fazer.
2. ~~Meu chefe Roger é um porco gordo e mentiroso, que está me impedindo de evoluir profissionalmente. Acho que julgo demais as pessoas.~~ **A culpa que eu sinto, inculcada pela minha educação católica, está fora de controle.**
3. Tenho inveja da minha irmã mais nova, Daisy. (isso não é realmente verdade, mas minha mãe acha que eu tenho, então seria bom ver se isso tem algum fundo de verdade).
4. Estou começando a ficar cada vez mais parecida com Sally Struthers.

Ora, vejamos — esse é o verdadeiro problema. Toda vez que eu penso ou faço alguma coisa que não é considerada “boa”, eu acho que Deus vai me castigar. Doze anos estudando em um colégio católico não me ensinaram muita coisa, mas certamente inculcaram o medo do sofrimento eterno em mim. Faz alguns anos que não vou à igreja, também. Esqueci os Dez Mandamentos, esqueci dos Sete Pecados Capitais e eu, obviamente, esqueci do mal que é o sexo antes do casamento. Por que é que não consigo esquecer a parte sobre queimar no fogo do inferno? Não há motivo para que eu fique me penitenciando por causa disso.

De qualquer forma, vamos para o item 3. Não tenho inveja da minha irmã, Daisy, e sei disso. Sim, ela é mais nova do que eu, e sim, ela vai se casar antes de mim... O que me aborrece é que, conforme minha mãe fez questão de demonstrar nas mensagens que deixou na minha secretária eletrônica, todo mundo pensa que eu tenho inveja de Daisy, ou que essas coisas me irritam; e, sendo assim, todo mundo sente pena de mim. Hoje à noite minha mãe vai dar uma festa de noivado para Daisy e seu namorado, em Connecticut, e é exatamente por essa razão que eu estou morrendo de medo de comparecer. Vai ser uma grande celebração para Daisy e um grande

festival de lamentações para mim. Tapinhas nas costas e palavras de estímulo vão estar à espreita, por todos os lados.

Para ser honesta, desde que eu era pequena, Daisy sempre conseguiu as coisas com mais facilidade do que eu. E eu acabei me acostumando com isso. Por exemplo, ela não tem o melhor emprego do mundo (ela vende carteiras na Saks<sup>9</sup>, na Quinta Avenida), mas nunca tem problemas com dinheiro; ela mora em um imenso apartamento tipo *loft* na região de West Village, mas paga um aluguel relativamente barato; nunca faz dieta ou exercícios físicos, mas tem o corpo de uma supermodelo (ela poderia passar pela irmã gêmea de Cindy Crawford). Daisy é abençoada, é claro, mas ela é tão amigável e simples de coração que é impossível detestá-la por ter tanta sorte. E, pensando assim, eu não tenho com o que me preocupar. Não sinto inveja dela. Novamente, observando esse problema mais de perto, eu acho que fica claro que o problema verdadeiro é:

### *Coisas que Estão Erradas com a Minha Vida*

(lista elaborada por Delilah Darling)

1. Não consigo me concentrar no que me proponho a fazer.
2. ~~Meu chefe Roger é um porco gordo e mentiroso, que está me impedindo de evoluir profissionalmente. Acho que julgo demais as pessoas.~~ A culpa que eu sinto, incutida pela minha educação católica, está fora de controle.
3. ~~Tenho inveja da minha irmã mais nova, Daisy. (isso não é realmente verdade, mas minha mãe acha que eu tenho, então seria bom ver se isso tem algum fundo de verdade).~~ **Minha mãe é louca.**
4. Estou começando a ficar cada vez mais parecida com Sally Struthers.

Acredite em mim, ela é louca.

Finalmente, vamos para o item quatro. Estou engordando. Não do tipo “gorda obesa”, mas do tipo “gorda cheinha”. Eu pareço um

9 Uma das mais famosas lojas de departamentos de Nova York. (N.T.)

pouco com Sally Struthers, especialmente naqueles comerciais em que ela aconselhava as pessoas a alimentarem as crianças em países pobres: é mais para um pouco inchada. Ainda é possível ver uma pessoa magra flutuando dentro de mim, e, portanto, dou graças a Deus por não ser um caso perdido. Mesmo assim, se eu não fizer alguma coisa em relação ao meu peso — e logo —, é isso que eu vou virar: um caso perdido. . (Para esclarecer um pouco as coisas, essa é a única semelhança que eu tenho com Sally Struthers. Não pareço com ela em nenhum outro aspecto. Tenho cerca de 1,65m, meu cabelo é longo e castanho, e tenho grandes olhos castanhos também).

De qualquer forma, eu sei que estou ficando “cheinha”. Desde que eu decidi parar com a insanidade, eu comecei a consumir grandes quantidades de chocolate, porque ouvi dizer que isso libera endorfinas que causam a sensação de bem-estar no cérebro, da mesma forma que acontece quando se faz sexo. Eu penso assim: se comer chocolate faz com que uma boa quantidade dessas endorfinas abasteça o meu cérebro enquanto eu espero que o Príncipe Encantado apareça, então é provável que eu não caia na tentação de procurar outras maneiras de ativar essas mesmas endorfinas. Ou seja, fazendo sexo com algum homem que não seja o homem certo.

As mulheres usam vários métodos para evitar fazer sexo. Algumas usam calcinhas parecidas com as que suas avós usam quando saem para algum encontro romântico; outras evitam depilar a virilha e as pernas<sup>10</sup>. Eu como chocolate. É a minha solução para esse problema.

Então é isso. Esses são os meus problemas, coisas que eu gostaria de mudar a meu respeito. Embora eu não tenha encontrado maneiras de consertar estes problemas, ainda assim eu tenho a sensação de que consegui completar alguma coisa, porque fui capaz de me concentrar por tempo o bastante para conseguir explorar tudo o que me incomodava antes que a reunião começasse. E acho que já estou fazendo progressos. Aposto que Tony Robbins ficaria orgulhoso de mim. E, você sabe, de alguma maneira estranha, eu acho que o homem com mãos artificiais que é capaz de tocar piano também ficaria.

---

10 Certa vez eu conversei com uma garota que escrevia a palavra “vadia” com uma caneta para retroprojetor na barriga, antes de sair com algum rapaz pela primeira vez. Ela fazia isso para se impedir de aceitar passar a noite com o moço. Duro? Sim. Eficaz? Com certeza!(N.A.)

## *malfeitores*

A reunião vai ser realizada na enorme sala de conferências. Assim, eu e Michelle vamos juntas até lá. Nós duas começamos a trabalhar na empresa na mesma época, há uns três anos. Desde então, somos inseparáveis. Nós almoçamos juntas, fazemos pausas no trabalho ao mesmo tempo, e, como moramos no mesmo prédio no East Village (ela já morava ali, e me avisou quando um apartamento ficou vago, devido à morte da senhora que morava no andar de cima), nós, frequentemente, vamos e voltamos do trabalho juntas. Michelle é uma ótima pessoa, e é por isso que ela é minha amiga. Ela é uma pessoa muito prática, com uma forte voz racional, que sempre expressa sua opinião sobre aquilo que eu faço e sem se importar se eu gosto da opinião dela ou não. Isso pode ser um pouco irritante, mas, por outro lado, é bom ter uma amiga que se importa com a gente.

Apesar de não sabermos realmente qual seria o assunto da reunião de hoje, temos uma boa ideia a respeito. Há mais ou menos um ano, o diretor financeiro, Barry Feinstein, foi indiciado após várias acusações de fraude, por ter enviado comunicados para os acionistas com valores superestimados artificialmente em relação aos lucros que a empresa obteve naquele período. De acordo com os jornais, a Comissão Federal de Comércio tem provas que, provavelmente, colocarão Barry na cadeia, mas fez-lhe uma oferta para suavizar as acusações, caso ele se dispusesse a cooperar com as investigações. Ele concordou e fez várias acusações sobre Elisabeth, dizendo que ela o pressionou a adulterar o livro-caixa e os registros. Por causa disso, Elisabeth também havia sido incluída no processo e, desde então, deixou o cargo de diretora da empresa.

Embora nem todo mundo acredite, há rumores de que Elisabeth seja inocente, e que Barry a denunciou apenas para tentar salvar seu próprio traseiro. Eu acredito nos rumores e sinto pena de Elisabeth. Não bastasse o fato de ela estar a ponto de perder o controle sobre a empresa que construiu, ela também está em vias de perder toda a sua reputação. O julgamento do caso foi agendado para ocorrer dentro de dois meses.

Depois de dar nossos nomes para uma das funcionárias do departamento de recursos humanos, que está anotando os nomes

dos presentes na entrada da sala de conferência, Michelle e eu sentamos em duas cadeiras vazias perto de uma das janelas. Eu olhei ao redor da sala, e não evitei pensar que há algumas coisas estranhas acontecendo nesta reunião. A primeira é que nem todos os funcionários foram convidados. A segunda é que as pessoas que estão na sala formam um grupo que foi escolhido de acordo com uma certa lógica: alguns de um departamento, alguns de outro. E a terceira é que eu não consigo lembrar da última vez que havia alguém na porta da sala de conferência anotando os nomes dos presentes. Inclusive, acho que isso nunca aconteceu antes. Embora isso seja algo que, normalmente, me deixaria preocupada, eu decido não me incomodar. As coisas têm estado tão esquisitas por aqui que não há motivos para tentar encontrar algum sentido nessa situação toda.

Às 16h15 a reunião finalmente começa. Conforme Roger cambaleia em direção à parte frontal da sala, a funcionária do departamento de recursos humanos entrega envelopes a todos os presentes, pedindo que eles não sejam abertos até que todas as pessoas recebam os seus. Como nunca tive paciência para esse tipo de coisa, eu ignoro o pedido dela. Eu imagino (e espero) que haja um bônus ou um vale-compras dentro do envelope, alguma coisa que venha recompensar a nós, funcionários dedicados, por apoiarmos a empresa durante todo esse período difícil. Elisabeth sempre faz coisas boas como estas para os seus funcionários. Após rasgar o envelope, eu puxo o pedaço de papel que estava guardado dentro dele e começo a ler, e...

Opa, espere um pouco.

Não é um bônus; também não é um vale-compras. Impresso em letras grandes, no topo da página, estão as palavras Rescisão de Contrato de Emprego. . “Oh, não. Oh não, oh não, oh não”. De repente, é como se eu tivesse a síndrome de Tourette<sup>11</sup>.

— Mas que diabos é isso? — eu grito.

“Oops!”

Eu rapidamente cubro a minha boca com a mão, mas é tarde demais. Todas as pessoas na sala já se viraram para olhar para mim, incluindo a funcionária do departamento de recursos humanos,

---

11 Distúrbio neuropsiquiátrico que se apresenta através de múltiplos tiques nervosos físicos e, no mínimo, um tique vocal, repetidos constantemente.(N.T.)

incluindo Roger. Voltando a olhar para baixo, eu rapidamente leio o resto do documento (O TDAH faz com que seja difícil ler alguma coisa do começo ao fim em sua totalidade). Pelo que eu consigo perceber, devido a uma queda nos lucros, a empresa está passando por uma reestruturação, e vai cortar 25 por cento dos seus funcionários.

“Oh. Meu. Deus.”

Eu volto a levantar os olhos. — Estamos sendo demitidos? Vocês estão de brincadeira? — eu pergunto.

Roger me lança um olhar cheio de pena e pesar. — Preferimos dizer que estão sendo dispensados.

— É mesmo? Bem, eu prefiro dizer que isso é um monte de bobagens!

Roger balança a cabeça. — Delilah, eu entendo a sua frustração. Mas, por favor, modere a sua linguagem, — diz ele. Ele então se vira para encarar o grupo.

— Olhem, eu sei que essa notícia pode ser um choque para a maioria de vocês, mas não há nada que pudesse ter sido feito para impedir que isso acontecesse. Estas dispensas foram inevitáveis. Não é culpa de vocês.

Não, não é minha culpa; e também não tem nada a ver com a minha multitarefa, como eu suspeitei por alguns momentos quando li “Rescisão de contrato de emprego”. Por uma fração de segundo eu imaginei que alguém poderia estar monitorando meu computador, lendo as mensagens que eu enviava no MSN. Eu imaginei que talvez houvesse uma câmera escondida no meu escritório, atrás da minha mesa, me vigiando enquanto eu lia a Glamour, me vigiando enquanto eu pintava as minhas unhas. Mas não. Nada daquilo estava acontecendo, porque aquilo não era minha culpa.

Eu olho ao redor da sala. Como ninguém mais está se manifestando, eu aponto a mim mesma como porta-voz do grupo. — E o que vocês esperam que nós façamos agora? — Alguns colegas de trabalho concordam com um meneio de cabeça quando eu falo. Sinto-me orgulhosa por ser a líder deles.

— Bem, eu tenho certeza de que todos vocês querem sair correndo daqui, ligar para suas famílias e amigos, e contar a eles o que está acontecendo — diz Roger. — Mas eu não preciso lembrá-los de que todos aqui nesta sala assinaram um acordo de confidencialidade

quando toda essa confusão começou. Por favor, evitem comentar sobre o assunto com qualquer pessoa, especialmente com a mídia. A última coisa que eu quero é que os detalhes desta reunião apareçam em algum jornal e...

— Com licença — eu interrompo. — Eu não estava perguntando sobre como devemos falar sobre isso para nossas famílias e para os jornais. O que eu quero saber é: o que vamos fazer agora? Por exemplo, quando será o nosso último dia de trabalho?

— Hoje é o último dia para vocês — diz Roger, em voz baixa.

Hoje? Estou tão chocada que nem consigo reagir.

— Olhem, eu sei que é algo difícil de entender para todo mundo aqui. Mas, por favor, saibam que essa não foi uma decisão fácil. É algo que estamos considerando há algumas semanas. A empresa está com pouco dinheiro; estas dispensas foram inevitáveis.

Inevitáveis? Minha cabeça começa a girar, e a raiva me causa tonturas. Há algumas semanas, quando começaram a circular os rumores de que haveria algumas demissões, Roger as negou veementemente, dizendo que nada daquilo era verdade. E agora, repentinamente, nos dizem que elas eram inevitáveis?

— Então você não deveria ter mentido para nós há algumas semanas — eu digo, com raiva. — Somos funcionários leais que confiaram e apoiaram esta empresa durante uma época difícil, quando poderíamos estar procurando por empregos mais seguros. Como vocês puderam deixar que isso acontecesse? Como Elisabeth deixou que isso acontecesse?

— Elisabeth lutou com unhas e dentes para evitar que isso acontecesse, mas ela não controla mais esta empresa. A diretoria rejeitou as soluções que ela propôs.

— Bem, então a diretoria precisa fazer alguma coisa para nos ajudar de alguma forma.

Quando alguns colegas de trabalho gritam no fundo da sala, eu imediatamente começo a me sentir como Sally Field naquele filme onde ela trabalha em uma fábrica e funda um sindicato. Qual é o nome do filme? Norma Rae. Isso mesmo.

Eu sou Norma Rae.

A funcionária do departamento de recursos humanos deve pressentir que o “sindicato” está prestes a dominar a reunião,



porque ela interrompe Roger e explica a todos que os funcionários que trabalham na empresa há mais de três anos receberão uma compensação equivalente a duas semanas de salário para cada ano trabalhado. Eu faço as contas rapidamente na minha cabeça, mas não consigo me lembrar de quando comecei. Foi há dois anos, mas será que poderia ser três? Era difícil dizer.

— E as pessoas que trabalham aqui há menos de três anos? — eu perguntei, em meu nome, e em nome dos membros do meu sindicato.

— As pessoas que não receberam a compensação podem requisitar o salário-desemprego, — diz ela. E, com um sorriso no rosto, ela acrescenta: — Estão pagando 400 dólares por semana agora!

Quatrocentos dólares por semana? Que ótimo! Quatrocentos dólares por semana em Nova York são apenas centavos. Isso não é bom, de jeito nenhum. Além de não ter uma caderneta de poupança, eu também não tenho nenhum investimento. A única coisa em que eu investi na minha vida foi em um bom par de calças pretas.

Eu olho para Roger, enfurecida. Ele é um falso, um mentiroso. Uma pessoa maligna, é isso que ele é! Quem ele pensa que é, ali, na frente da sala, usando calças cáqui de cóis alto, laceadas nos joelhos por terem sido usadas muitas vezes? Ele parece um carro alegórico, pelo amor de Deus... um palhaço de circo! Eu não me surpreenderia se, a qualquer momento, ele começasse a fazer animais com balões. E aquele cinto que ele usa... aquele cinto feio, de couro trançado. Quem é que ainda usa cintos trançados? Quem consegue usá-los desde que saíram de moda, em 1995? Ninguém! O jeito que ele aperta o cinto ao redor daquela barriga imensa é horrível, e faz com que ele pareça o número oito.

Quando as outras pessoas começam a fazer perguntas, eu paro de me comportar como a reencarnação de Norma Rae e olho pela janela, fixando os olhos em uma grande nuvem branca que flutua ao longe. Se eu pudesse saltar nela e voar para longe desse desastre, eu voaria por cima de todos os prédios comerciais de Manhattan, observaria outras pessoas sendo despedidas, outras pessoas além de mim, e ofereceria a elas palavras de conforto e encorajamento.

— Vamos todos ficar bem, — eu diria. E eles abririam sorrisos. E então todos iríamos até o meu apartamento, elaboraríamos nossos currículos, e escreveríamos cartas de recomendação

uns para os outros. Todos se ajudariam a preencher propostas de emprego, no espaço em branco do formulário ao lado do campo Pretensão Salarial, todos escreveríamos 1 milhão de dólares, e cairíamos na risada.

Não consigo saber exatamente quanto tempo passa, mas, após algum tempo, a reunião é encerrada. Nesse momento, duas funcionárias da área de recursos humanos começam a chamar todos os que estão na sala de conferências até uma mesa, pela ordem alfabética dos sobrenomes, para responder perguntas e dizerem se temos direito à compensação ou não. Enquanto Michelle e eu esperamos pela nossa vez, nós começamos a debater quando começamos a trabalhar para a empresa. Eu comecei alguns dias antes que ela, mas nenhuma de nós tem certeza se foi há mais de três anos.

Michelle e eu somos chamadas até a mesa ao mesmo tempo. O sobrenome dela é Davis, então ela vem logo depois de mim em qualquer classificação alfabética. Depois de esperar ansiosamente até que a moça dos recursos humanos analise aquilo que eu presumo ser a minha ficha, eu descubro que consegui a compensação por uma questão de quatro dias.

Super. Legal.

Não somente eu vou receber um cheque equivalente a seis semanas de salário pelo correio na próxima semana, mas meu plano de saúde ainda vai durar mais seis semanas. Depois de agradecer à moça, eu me viro para Michelle, que está ao meu lado.

— Consegui, por quatro dias — eu suspiro, aliviada. Ela olha nos meus olhos.

— Eu não, por dois.

A expressão no rosto dela me diz que ela está decepcionada, e que se sente horrível por causa disso. Fazemos a mesma coisa aqui. Somos gerentes de projeto, as duas. Não me parece justo que eu receba o cheque por conta da rescisão de contrato e ela não.

— Vou repartir meu acerto com você — eu digo rapidamente.  
— E você pode repartir o seu seguro-desemprego comigo. Vamos juntar todo o nosso dinheiro e dividi-lo pela metade. Assim, nós ganharemos o mesmo dinheiro durante as próximas seis semanas.

Michelle balança a cabeça — Não vou pegar o seu dinheiro, Delilah. Isso não é certo.

— Claro que é! — eu digo, agarrando-a pelos ombros. Eu tento fazê-la raciocinar. — Você me ajudou tantas vezes que eu provavelmente não teria esse emprego se não fosse por você.

É verdade. Ela sempre me manteve na linha, sempre me lembrava das minhas responsabilidades. — Eu devo isso a você. Por favor, deixe que eu faça isso.

Michelle me olha fixamente. Eu sei que ela quer o dinheiro, mas ela se sente mal pela situação. Ela precisa de um empurrãozinho.

— Michelle, você já leu *Canja de Galinha para as Almas no Trabalho*<sup>12</sup>?

— Não, — diz ela, revirando os olhos. Ela detesta quando eu uso frases dos meus livros de autoajuda.

— Bom, eu li, e naquele livro havia uma frase dita por uma mulher muito inteligente chamada Sally Koch. Quer saber o que ela disse?

Michelle faz que sim com a cabeça, permitindo que eu satisfaça minha necessidade de compartilhar aquela sabedoria.

— Ela disse: Grandes oportunidades para ajudar os outros raramente aparecem, mas oportunidades pequenas nos cercam todos os dias.

Um sorriso surge no rosto de Michelle. — Você é louca, sabia?

— Sim, — eu respondo. — Sou mesmo.

— Tudo bem, — diz ela, finalmente se rendendo. — Você pode me dar o seu dinheiro se é isso que realmente quer fazer.

Ela se inclina e me abraça. — Muito obrigada, de verdade — diz ela, sussurrando. — Vai ser muito importante para mim. Vou dar um jeito de retribuir.

— Não se preocupe com isso.

Depois de enxugar algumas lágrimas, Michelle e eu limpamos nossas mesas em vinte minutos. Não há motivo para ficarmos na empresa além do necessário. Mesmo que uma parte de mim queira fazer algo de ruim antes de ir embora, como deixar um pedaço de carne em uma gaveta ou um pedaço de presunto no forro do teto, decido deixar aquilo passar. Sou uma boa garota de Connecticut que apenas pensa em coisas ruins, não chego a realizá-las.

<sup>12</sup> Os livros da série Canja de Galinha para a Alma (*Chicken Soup for the Soul*, de Jack Canfield e Mark Victor Hansen) são coletâneas de contos e histórias focados em autoajuda. (N.T.)

Há um comentário correndo pela empresa de que todos os funcionários, demitidos ou não, vão se encontrar em um bar no centro da cidade, conhecido pelo ambiente tranquilo e margaritas fortes. Embora eu não tenha muito tempo antes de embarcar no trem que vai me levar para Connecticut e para a festa de noivado de Daisy, eu acho que consigo passar por ali rapidamente para tomar pelo menos um drinque. Eu quero um drinque. Eu preciso de um drinque. Eu mereço um drinque...

### *festa das lamentações*

... ou quatro.

Quando eu chego na casa da minha mãe, por volta das nove da noite, eu descubro que não consigo me concentrar em nada, e percebo que isso não tem nada a ver com a minha TDAH, e tudo a ver com a minha PPM (paixão por margaritas). Sim, estou bêbada. E isso não é tudo — como não fui para casa me trocar, estou com a roupa amarrotada e coberta de tequila. Eu sei que é errado aparecer na festa de noivado da minha irmã nestas condições, mas e se eu não aparecesse? Daisy ficaria decepcionada e as pessoas começariam a especular.

“Ela não conseguiu aguentar.”

“Ouvi dizer que ela está se empanturrando de comida.”

“E, além de tudo, ainda perdeu o emprego... que vida horrível, coitada.”

Os detalhes da demissão maciça chegaram aos jornais da noite. Assim, eu não sou mais apenas a irmã mais velha e solteira. Eu sou a irmã mais velha, solteira e desempregada.

Minha mãe e meu padrasto, Victor, moram na mesma casa colonial enorme onde eu cresci, a 70 quilômetros ao norte de Nova York, na pequena e pacata cidade de New Canaan, em Connecticut. A festa parece estar animada, então eu entro no meio do povo sem qualquer hesitação.

Quando eu abro a porta da frente, um cheiro forte de alho e perfume enche o meu nariz. Eu quase espirro, mas não consigo, e isso me irrita. Quase espirrar é como quase chegar ao orgasmo. Chegar lá causa um comichão, mas se você não alcança a sensação de desprendimento e liberação de energia, que graça tem?

Eu vejo Daisy em um canto e vou até onde ela está. Ela está maravilhosa. Uma camada fina de tule aparece por baixo da saia rodada cor de creme que ela está usando. Os botões de trás, no *cardigan* cor-de-rosa que ela está usando, cintilam. Entretida em uma conversa com alguém que eu não conheço, ela não percebe que estou me aproximando sorrateiramente. Eu sussurro baixinho no ouvido dela.

— Tem mais botox aqui do que no consultório de um cirurgião plástico da Park Avenue.

Ela dá um salto quando ouve minha voz, e se vira para mim.

— Delilah! — diz ela, com uma voz aguda. Os dentes dela estão tão brancos que parecem feitos de porcelana e o cabelo castanho que ela tem está tão ressaltado quanto os seus seios. Ela coloca os braços ao redor de mim. — Estou tão feliz por você estar aqui!

— Eu também, — respondo, dando um forte abraço na minha irmã. E eu digo aquilo com sinceridade. Apesar de ficar apreensiva em relação a aparecer por aqui, eu não perderia esta festa por nada no mundo.

Daisy faz com que eu me vire para olhar para todas as pessoas que estão ali. — Deixe-me perguntar uma coisa — ela diz —, se esta festa é para mim, então porque nenhum dos meus amigos está aqui?

Conforme eu olho para um mar de pessoas de meia-idade, todos parecendo ter saído diretamente das páginas da revista *Town & Country*, eu sorrio. É bem a cara da minha mãe fazer uma festa para Daisy ou para mim e chamar apenas os seus amigos, muitos dos quais nós nem mesmo conhecemos (não que minha mãe não tenha seus velhos amigos, mas ela está sempre fazendo novas amizades).

— Quem são essas pessoas? — eu pergunto, em um tom meio jocoso.

Daisy balança a cabeça. — Não faço ideia.

— Oh, Daisy. Mamãe está apenas orgulhosa e quer mostrar você para todo mundo — digo, com sinceridade. Minha mãe e suas amigas estão sempre usando seus filhos para tentar mostrar umas às outras quem é a melhor.

Daisy revira os olhos. — Sim, sim, sim, que seja.

— E o vovô está por aqui? — eu pergunto, olhando ao redor.

— Não. Parece que houve algum problema com a escala de trabalho dele — responde Daisy, parecendo um pouco decepcionada.

Nosso pai morreu em um acidente de carro quando éramos crianças. Pra falar a verdade, isso aconteceu logo depois que Daisy nasceu. Nosso avô, pai do nosso pai, acabou se tornando a nossa figura paterna. Ele assinava os boletins da escola, ia às reuniões de pais e professores, e fazia tudo o que se esperava que um pai fizesse. Ele ficava por perto mais tempo do que os pais de alguns dos nossos amigos, para ter certeza de que nós não ficaríamos tristes por não ter um pai. Daisy e eu estávamos no ensino fundamental quando nossa mãe começou um namoro com Victor. Quando eles decidiram se casar, meu avô não aceitou aquilo muito bem. Pensando que Victor tentaria tomar-lhe o lugar na família, ele arrancou Daisy e eu da sala de aula, um dia, e tentou nos convencer de que seria uma boa ideia nos mudarmos para a Califórnia com ele. Ele não estava tentando nos sequestrar, nem nada parecido, nada tão assustador, de forma alguma. Foi uma coisa bem engraçada e meiga, na verdade. Engraçado porque, até hoje, meu avô raramente deixa a costa Leste dos Estados Unidos. Meigo porque, quando Daisy e eu lhe dissemos que ninguém iria tomar o lugar dele, ele sorriu. E depois chorou.

— Ele disse que ia tentar sair mais cedo do trabalho, mas não tinha certeza de que ia conseguir.

Vovô trabalha como empacotador no supermercado A&P em Danbury. Foi o emprego que ele arrumou após se aposentar, é o que ele faz para não enlouquecer com o tédio da vida de aposentado. Fico triste por ele não estar aqui, mas tenho a sensação de que, em vez de problemas com a escala no trabalho, o motivo real é o fato de que ele não gosta muito da corja de ricos e famosos de New Canaan com quem minha mãe e Victor têm amizade. Meu avô é uma pessoa muito prática e trabalhadora. Repentinamente, meu estômago ronca de forma bem ruidosa.

— Nossa, está com fome? — pergunta Daisy, arregalando os olhos.

— Estou faminta, — eu respondo, agarrando um espetinho de carne que está em uma bandeja na mesa atrás de nós. Minha mãe é dona de uma empresa que fornece refeições para eventos, Kitty Cannon's Catering, e, por isso, já conheço aqueles espetinhos. Eles são deliciosos. Eu enfio um pedaço enorme de carne na boca, e Daisy estende a mão em frente ao meu rosto. No dedo dela está, provavelmente, o maior e mais brilhante diamante que eu já vi na vida. Eu quase engasgo.

— Quatro quilates — diz Daisy casualmente, enquanto o diamante reluz nos olhos dela.

— Quatromf? Ohmf... uaumf — eu digo, com a boca cheia de carne.

— Eu sei. Eu quase desmaiei quando Edward me deu o anel. E acho que ele é grande demais, sabe?

Ignorando o comentário de Daisy, eu procuro prestar atenção no relatório sobre a pedra (quatro quilates, lapidado no estilo Asscher<sup>13</sup>, anel de platina), e olho ao redor ansiosamente, procurando por Edward. Ainda não o conheço; ninguém na família o conhece. Edward e Daisy tiveram um romance meteórico. Eles se conheceram há pouco mais de seis semanas. Eu me sinto uma idiota por não saber muito a respeito dele, mas sempre que eu e Daisy conversamos, ela não para de elogiá-lo e, quando ela recupera a compostura, o outro telefone toca, ou alguma outra coisa acontece e nós precisamos interromper a conversa. A única coisa que as pessoas da família sabem é que o nome do noivo é Edward Barnett. Ele trabalha em algum lugar da Wall Street<sup>14</sup>, e é 10 anos mais velho do que Daisy.

— E então, onde ele está? Ele está por aqui? — eu pergunto.

— Claro que ele está aqui — diz Daisy, olhando em volta. Sorrindo ao encontrá-lo no meio daquelas pessoas, ela faz um meneio de cabeça, apontando-o. — Ele está logo ali, conversando com Victor.

Eu me viro e vejo Victor em um outro canto, conversando com um homem que veste uma camisa azul clara. Embora ele esteja de costas para mim, eu consigo perceber que, aparentemente, ele é um homem moreno, alto e bonito, e — oh, meu Deus! Ele está se virando. Eu consigo vê-lo melhor. Com certeza, ele é alto, moreno e...

Opa, espere um pouco.

Edward não é apenas moreno — ele é negro. Meus olhos se iluminam. Bem, aleluia, Daisy!

---

13 Referência à Royal Asscher Diamond Company, uma das mais tradicionais joalherias da Europa, com sede em Amsterdam, na Holanda. A empresa é responsável por lapidar alguns dos diamantes mais famosos do mundo. Os clientes da empresa, geralmente, governantes e pessoas famosas em geral. (N.T.)

14 Uma das ruas mais famosas de Nova York, é onde está sediada a principal Bolsa de Valores dos Estados Unidos. Nesta rua há várias corretoras de ações e empresas do ramo financeiro. (N.T.)

Virando-me novamente para olhar para a minha irmã, eu vejo um sorriso maroto surgir no rosto dela.

— Tudo bem, não há nenhum problema. Mas eu não acredito que você não me contou!

Daisy cai na risada. — Eu sei, eu sei — diz ela, rapidamente. — Eu sabia que você não ia se importar. Mas eu não queria que a mamãe soubesse até que ela o conhecesse.

— E o que ela disse? Conte tudo!

Minha mãe não é uma pessoa racista, de modo algum. Mas não há muitas pessoas negras em New Canaan.

— Bem, quando eu finalmente os apresentei, ela ficou olhando para ele, petrificada, com o queixo caído por alguns segundos. Mas eu dei um chute nela, e ela voltou a agir normalmente.

— Daisy, fala sério!

— Tudo bem, tudo bem. Eu não dei um chute nela. Mas ela ficou olhando petrificada para ele por algum tempo.

— E...?

— E, honestamente... acho que ela não viu nada de errado. Você sabe, eu sou adulta, ele é adulto. Ela não tem por que se preocupar. Mas Patsy, por outro lado...

Quando Daisy diz aquilo, eu dou uma olhada em direção a Patsy — nossa vizinha rabugenta, mal-humorada, e sem dúvida assexuada — e vejo que ela está encarando Edward com uma cara feia. Patsy nunca gostou de Daisy nem de mim. Assim, o desgosto em relação a Edward provavelmente tem a ver com o fato de que ele fez uma de nós feliz, em vez de qualquer outro motivo.

Após voltar minha atenção para Daisy, eu a escuto falar por um bom tempo sobre o quanto ela está apaixonada, quando, repentinamente, me dou conta de que ela provavelmente pode elucidar a questão sobre haver um fundo de verdade em um dos mitos da cultura popular.

— E então, é verdade o que dizem? — eu pergunto timidamente quando ela para de falar.

Daisy me olha com uma expressão confusa. — O que é que dizem?

Não achei que precisasse explicar a que eu estava me referindo, mas, aparentemente, isso era necessário. — Você sabe. Aquilo que ele tem. É grande?



O rosto de Daisy fica vermelho. — Delilah! Não acredito que você está me perguntando uma coisa dessas! — Ela rapidamente olha em volta para ter certeza de que ninguém ouviu a minha pergunta.

— Desculpe — eu digo, defendendo minha curiosidade. — Mas como vocês se conhecem há pouco mais de um mês e ele já sabe que quer passar o resto da vida com você, eu acho que você deve ter feito alguma coisa da maneira certa.

— Para sua informação, estamos esperando até nos casarmos para finalmente dormir juntos — diz Daisy, tomando ar. Com os ombros contraídos, ela parece ter assumido uma postura nobre.

— Esperando? Por que diabos você quer fazer algo assim?

É óbvio que esse é um conceito estranho para mim.

— Porque temos a vida toda para fazer sexo, essa é a razão. Por que apressar as coisas?

Preciso admitir que o comportamento de Daisy vai contra a imagem que eu tinha dela. Ela namora bem mais do que eu — muito mais — e eu não estou dizendo que acho que ela seja fácil. Mesmo assim, apenas uma puritana faria seu noivo esperar assim. Eu vou descobrir o que está acontecendo. Mas não vou atacar diretamente, é claro. Vou ver se consigo atacar pelos flancos.

— Ei, você leu os resultados daquela pesquisa sobre sexualidade no Post, há algumas semanas?

Daisy balança a cabeça. — Não. Que pesquisa é essa?

— Era um artigo bem interessante. Dizia que, em média, a primeira relação sexual de uma pessoa acontece aos 17 anos.

Daisy pensa naquilo por um segundo e depois faz que sim com a cabeça. — É, acho que está certo.

— Também dizia que, em média, uma pessoa tem 10,5 parceiros sexuais durante sua vida.

— Dez e meio? — Daisy torce o nariz.

— Pois é... não parece estar certo, não é?

— Não, de jeito nenhum!

Eu rapidamente me sinto aliviada. Talvez os resultados da pesquisa estejam muito longe da realidade. Talvez ter um número como 19 não é tão ruim, e talvez eu esteja me preocupando à toa. Por outro lado, se Daisy está dizendo isso por achar que 10,5 é um número alto demais, então estou numa situação pior do que eu pensava.

— Espere um pouco... o que você quer dizer com isso? — eu pergunto.

— Quero dizer que só uma vagabunda dormiria com tantos homens.

— Uma vagabunda?

Oh, não. Oh não, oh não, oh não!

Eu começo a me sentir enjoada.

— Claro. Cá entre nós, até hoje eu só dormi com quatro homens — diz ela, sussurrando.

Quatro homens?

Quatro?

Santa Mãe de Deus!!!

Antes que eu consiga perguntar a Daisy se ela está brincando (Meu Deus, quem eu estou querendo enganar? Tenho certeza de que ela está falando sério), uma voz exasperada nos interrompe.

— Delilah... você não retorna as minhas ligações... você me mata de preocupação!

É a minha mãe. Relutantemente eu me viro em direção a ela, e vejo que ela está olhando fixamente para mim, com um olhar patético. O cabelo dela está com um penteado e uma tintura perfeitos, e ela me olha com a cabeça um pouco baixa.

— Mãe! — eu exclamo, fazendo minha voz subir uma oitava inteira, tentando fazer parecer que estou feliz em vê-la. — Como você está?

— Ah, não se importe comigo — diz ela, alisando o tecido amarrotado da minha camisa. — Você. Como é que você está?

— Estou...

Ela não me deixa terminar. — Venha aqui. Venha com a mamãe.

Minha mãe me abraça com muita força, me espremendo tão intensamente que mal consigo respirar. Embora eu tente me desencilhar, não consigo. Assim, durante o minuto seguinte, vejo que estou lutando para conseguir respirar, conforme ela silenciosamente me embala para frente e para trás. Apesar de não ouvi-la dizer nada, eu a conheço suficientemente bem para saber que, por dentro, há um intenso diálogo. Perceba: no mundo dela, se uma mulher chega aos trinta anos e ainda está solteira, isso ocorre porque ela é lésbica, ou então porque é uma fracassada na vida. Como meu trigésimo

aniversário vai acontecer daqui a três meses, ela está tentando descobrir em qual dessas duas categorias eu me encaixo, e, mais importante do que isso, o que ela deveria dizer aos amigos dela.

— “O que há de errado com Delilah? Por que ela não consegue se envolver com um homem? Será que ela é lésbica? Não, não, ela não é lésbica. Não pode ser. Pensando bem, ela gostava muito de ouvir os discos de Joan Jett quando era mais nova, mais do que eu considerava saudável. E eu juro que a apanhei ouvindo as músicas de Melissa Etheridge quando ela ainda morava comigo. Eu espero que ela não tenha sido despedida hoje, porque, se isso aconteceu, então a minha desculpa sobre o motivo de ela ainda ser solteira, ela trabalha demais, não terá mais fundamento. E isso significa que todos os meus amigos vão presumir que ela é solteira porque é lésbica. Não que eu não goste de lésbicas. Eu até gosto. Elas são engraçadas. Veja Ellen DeGeneres, por exemplo. Elas podem ter sucesso profissional, também. Como Hillary Clinton. Oops, Hillary não é lésbica...”

Sim, a festa das lamentações está oficialmente iniciada.

Ela finalmente quebra o silêncio.

— Querida, por acaso você perdeu seu emprego hoje? — Ela fala comigo como se eu fosse um cachorro.

— Perdeu o emprego? Por que ela perderia o emprego? — Daisy entra na conversa, confusa.

— Daisy, querida, assista ao noticiário de vez em quando, por favor — diz minha mãe, quando ela finalmente (graças a Deus) afrouxa os braços ao redor de mim. — Houve várias demissões na ESD hoje.

— Demissões? — Daisy solta um suspiro alto. Olhando furiosamente para mim, ela dá uma pancada no meu braço. Com força.

— Ai! — eu grito.

— Que “ai”, que nada. Por que você não me contou? — pergunta Daisy.

— Eu não sei — eu respondo, em voz baixa. — Eu não queria...

Rapidamente, pressentindo que não estávamos sozinhas, eu parei de falar e me virei. Como eu suspeitava, todos os amigos da minha mãe estão ao nosso redor, esperando para ouvir o que eu tenho a dizer. Como disse, Elisabeth Starling é um ícone — assim, ouvir o resumo dos eventos do dia, direto da boca de uma das funcionárias da empresa, é um raro prazer. Todos aqueles olhos imensos,

dignos de estar no rosto de alguma coruja, cuidadosamente criados por cirurgões plásticos, estão me encarando. Todas aquelas pupilas negras enormes, resultantes do consumo excessivo de Vicodin<sup>15</sup>, me deixam nervosa. Eu me sinto como se estivesse em um episódio de Além da *Imaginação*<sup>16</sup>, ou então no filme *O Bebê de Rosemary*<sup>17</sup>. Eu não sei o que fazer, não sei o que dizer, então... eu minto.

— Não contei nada porque não perdi meu emprego.

Minha mãe respira aliviada, com um longo suspiro. — Louvado seja o Senhor! Quando o noticiário disse que quase 25% da equipe foi dispensada, eu tive certeza de que você estava entre eles! — exclama ela.

— Obrigada pela confiança, mãe — eu resmungo. Ignorando-me, ela se vira para encarar seus amigos.

— Ouviram isso? Ela disse que não perdeu o emprego! — diz ela, cheia de alegria.

Enquanto os amigos da minha mãe se viram para cumprimentá-la, eu volto a conversar com Daisy, revirando os olhos.

— Vamos lá, — diz ela, colocando o braço ao redor de mim. — Hora de apresentar você a Edward.

Depois de conversar com Edward durante quase uma hora (e eu preciso dizer que ele é um homem perfeito), eu vejo que alguns garçons estão começando a circular entre os convidados com os famosos bombons de chocolate da minha mãe, e peço licença para ir à cozinha. Desde que eu comecei a usar chocolate para suprir minha carência, eu desenvolvi uma certa tolerância, e sei que apenas um não será o suficiente. Depois de pegar um punhado, subo até o meu antigo quarto no andar superior da casa para comê-los sozinha, e passo por Patsy no caminho. Dando uma rápida olhada na pilha de bombons que tenho nas mãos, ela balança a cabeça, com uma expressão de nojo no rosto. Um pouco envergonhada, eu a ignoro e continuo a seguir meu caminho.

---

15 Analgésico forte, receitado para o alívio de dores pós-operatórias. Tornou-se conhecido por aparecer no seriado *House*.(N.T.)

16 Seriado de suspense, terror e drama, muito popular nos Estados Unidos, onde os personagens geralmente precisam enfrentar situações inusitadas ou bizarras. Exibido pela primeira vez em 1959, ganhou reedições em 1985 e 2002, em um total de 275 episódios. (N.T.)

17 Filme de terror lançado em 1968, com Mia Farrow. No filme, a protagonista descobre que o bebê que está esperando pode estar envolvido em algum tipo de ritual satânico organizado por seus idosos e macabros vizinhos. (N.T.)

Quando chego ao meu quarto, eu fecho a porta por trás de mim e respiro fundo. Meu Deus, que dia, que noite. Apoiada contra a porta, eu dou uma olhada no quarto e fico um pouco melancólica. Meu quarto não mudou desde o dia em que eu saí de casa para ir para a faculdade. O papel de parede Laura Ashley ainda combina com o cobre-leito Laura Ashley, que ainda combina com as cortinas Laura Ashley. Pôsteres do R.E.M. e Pearl Jam ainda estão pendurados na parede. É um quarto que ficou parado no tempo, uma época da minha vida em que o mundo era uma grande oportunidade esperando para ser aproveitada.

Pensando na minha vida, não evito pensar que sou um fracasso. Por exemplo, eu sempre imaginei que as coisas seriam perfeitas nessa época. Eu não teria simplesmente um emprego, teria minha própria empresa. Não alugaria simplesmente um apartamento no 4º andar de um prédio sem elevador no East Village — teria meu próprio *loft* em Tribeca<sup>18</sup>. E também não seria solteira. Estaria casada, feliz e teria uma família enorme.

Olhando para a minha cômoda, vejo uma pilha de papéis de carta em cima dela. Vou até o móvel para pegar um deles, coberto com estrelas e vejo que as palavras “Uma mensagem da Pequena Darling” estão impressas no topo. Pequena Darling, era assim que meu avô se referia a mim e a Daisy quando éramos crianças. Levantando os olhos, eu encaro o espelho e começo a imaginar. Se a garota que costumava dormir neste quarto, a Pequena Darling, pudesse escrever, hoje, uma carta naquele papel coberto de estrelas, o que ela diria para mim? Depois de pensar naquilo por um minuto, sento-me na beirada da cama e pego um dos bombons. Em vez de comê-lo imediatamente, olho para ele por alguns momentos e sinto pena de mim mesma. Então, algum tempo depois, algo toma conta de mim. Um pensamento.

Eu sou patética! Sou completamente, totalmente e irremediavelmente patética!

Que tipo de pessoa se esconde no quarto em que dormia durante a infância para comer bombons em uma sexta-feira à noite? Ficar me lamentando sobre o que não tenho e sobre o que não fiz não

---

18 Bairro nobre em Manhattan, composto por vários antigos prédios industriais que foram convertidos em prédios de apartamentos e *lofts*.(N.T.)

vai ajudar a melhorar a minha vida. Comer uma dúzia de bombons também não vai facilitar as coisas. Eu acabei de perder meu emprego, pelo amor de Deus. Eu deveria estar em um bar com meus amigos e colegas do trabalho, esparecendo e agindo como uma idiota, e não sentada sozinha em um quarto contemplando minha autoestima. Eu posso encarar o mundo real amanhã e no dia depois de amanhã, e depois disso também.

Embora eu tivesse planos de passar a noite ali, decido não fazer isso, e ligo para Michelle para saber se ela ainda está na rua. Com certeza ela está, assim como todos os meus colegas do escritório. Decidindo que deveria estar com eles, me levanto e jogo todos os bombons pela janela. Eu não preciso de comida, preciso beber!

Digo à minha mãe e a Daisy que recebi uma ligação urgente do trabalho e tenho que sair imediatamente para me preparar para uma reunião no começo da manhã seguinte para lidar com a crise. Elas entendem. Depois disso, chamo um táxi para me levar de volta à estação de trem e entro no expresso das 23h40 para voltar a Manhattan. Chego na Grand Central Station pouco antes da 1 hora, e vou direto para um bar em Hell's Kitchen para me encontrar com Michelle.

Durante o restante da noite (ou da manhã?), Michelle, meus antigos colegas de trabalho e eu nos lembramos do passado, brindamos ao futuro, rimos, choramos, até que... vamos cantar músicas no karaokê do bar. Depois disso, vamos para um bar no distrito Meatpacking, e depois para outro em Chelsea<sup>19</sup> e depois... depois eu não tenho mais certeza do que está acontecendo.

---

19 Meatpacking e Chelsea, em Manhattan. (N.E.)